



EVASÃO ESCOLAR:

DESDE
FREIRE E HOOKS

Reflexões éticas



EDITORA

phillos.

ACADEMY

Reflexões éticas

DESDE
FREIRE E HOOKS:
EVASÃO ESCOLAR

DIREÇÃO EDITORIAL: Willames Frank

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.



Todos os livros publicados pela Editora Phillos estão sob os direitos da Creative Commons 4.0

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

2020 Editora PHILLOS ACADEMY
Av. Santa Maria, Parque Oeste, 601.
Goiânia-GO
www.phillosacademy.com
phillosacademy@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S48p

SALES, Ana Carolina Ferreira; SILVA, Ancelmo de Jesus; SANTOS, Gabriela Mariotto de Almeida; MATOS, Hugo Allan; SILVA, Luana Castro da.

SALES, Ana Carolina Ferreira; SILVA, Ancelmo de Jesus; SANTOS, Gabriela Mariotto de Almeida; MATOS, Hugo Allan; SILVA, Luana Castro da. Reflexões éticas desde hokks e Freire: Evasão Escolar. Goiânia: Phillos Academy, 2021.

ISBN: 978-65-88994-82-5

Disponível em: <http://www.phillosacademy.com>

1. Filosofia da educação. 2. Escola Pública. 3. Educação Bancária. 4. Aprendizagem.
5. Educação. I. Título.

CDD: 370

Índices para catálogo sistemático:
Educação 370

Reflexões éticas

DESDE
HOOKS E FREIRE:
EVASÃO ESCOLAR

Ana Carolina Ferreira Sales
Ancelmo de Jesus Silva
Gabriela Mariotto de Almeida Santos
Hugo Allan Matos
Luana Castro da Silva

Sumário

A título de prefácio	5
Homenagem e agradecimento a Bell Hooks	9
<i>A escola pública para quem? Para o quê?</i>	11
<i>Educação bancária: a escola como instrumento de domesticação</i>	14
<i>Mudanças na educação e seu status na sociedade contemporânea</i>	19
<i>A escola, o professor, o aluno e seu valor</i>	24
<i>O fator socioeconômico e a evasão escolar no Brasil</i>	28
<i>Gravidez na adolescência</i>	31
<i>A escola e sua fuga</i>	34
<i>Escola muito mais que uma estrutura física</i>	40

A título de prefácio

Por Ofélia Maria Marcondes¹

Prefaciara uma obra é um desafio e tanto. Aceitar um convite como este é se encarregar de desempenhar o papel de uma prenunciadora, de alguém que dá a partida na leitura magnífica de uma obra que objetiva propor reflexões sobre educação nada fáceis de serem feitas, mas instigantes e que nos deixam com a sede de saber mais.

Um prefácio é quase um cerimonial, um estender de tapetes para autoras e autores que dedicaram horas de suas vidas para nos colocar em contato com ideias que, muitas das vezes, não tínhamos sequer pensado. Um bom texto nos tira da zona de conforto, nos exige um certo esforço acompanhado de um prazer imenso ao descobrirmos que pensamos juntos, que somos com o outro. Ler é mergulhar no mundo com as lentes da outra e do outro que nos desvelam ideias, conflitos, perguntas. Ler uma obra é caminhar com as autoras e autores que nos pegam pela mão, mas também nos perguntam, nos intrigam.

Qual é a primeira tarefa de uma prefaciadora? Ler a obra. E dizer aqui da aventura de encarar cada texto como uma janela que se abre para um pensar o mundo. Qual a importância desta obra? A inserção num mundo em que educação é o grande medo daqueles que estão no poder. Como nos ensinou Aníbal Quijano, estamos sujeitos a uma colonialidade do saber que tem como meta nos manter obedientes; também sujeitos à colonialidade do ser que

¹ Contato: ofelia.marcondes@gmail.com

tem na educação um instrumento forte de moldar nossos desejos e ações; e não paramos aqui, ainda temos a colonialidade do poder que enfrentamos cotidianamente ao nos fazerem crer que os desmandos e as fake news são a realidade mais suave que enfrentamos em meio ao genocídio e o desgoverno.

Lendo Ana Elisa Ribeiro aprendi que “O prefácio é algo meio sem bordas, meio amorfo”², um algo que adquire forma ao escrevermos sobre os textos que aqui vão sendo apresentados e ainda evitando dar spoiler. Escrevi um prefácio do prefácio apenas porque Ancelmo de Jesus Silva (p. 13), em seu texto intitulado “A escola, o professor, o aluno e seu valor”, afirmou o seguinte: “Se neste escrito, tiver um pensamento, uma ideia, uma identidade e um saber, a tese se provará por si só, e se aqueles que descartam a mim, sei que encontrará o outro”. Desejo que os leitores desta obra encontrem Ancelmo para uma prosa, convite que ele mesmo faz em seu outro texto, “A escola e sua fuga”, pois “Com essa prosa, a ideia central aqui é refletir: se a escola for mesmo uma prisão é dever e direito de qualquer aluno de buscar suas respostas” (p. 22). E “Essa conversa não se trata de uma construção acadêmica ou um material sem valor do humano, se trata da vida e suas experiências” (p. 22).

Esta obra que se insere nas comemorações do centenário de Paulo Freire, tem como proposta nos levar à reflexão sobre evasão escolar numa perspectiva da ética e em diálogo com Paulo Freire e Bell Hooks, o que não é pouco e também nada fácil considerando que desde 1500, o Brasil enfrenta sua história de invasão, invenção, fome, feminicídio, morte, memorização, colonialismo, colonialidade, opressão, desinformação, desgoverno,

² <https://rascunho.com.br/liberado/prefacio-posfacio-e-eufacio/>

pobreza, analfabetismo, genocídio, autoritarismo, extrativismo, exploração, abusos, gravidez precoce e violência sexual, desvalorização da docência, perseguição a professoras e professores, temas que Ana Carolina Ferreira Sales, Gabriela Mariotto de Almeida Santos, Luana Castro da Silva, Ancelmo de Jesus Silva e Hugo Allan Matos nos convidam a pensar e a refletir com elas e com eles.

Nem só de tristezas vivem as brasileiras e os brasileiros, também somos esperança e é isso que Hugo Allan Matos nos faz lembrar ao refletir sobre a escola pública a partir principalmente do pensamento de Paulo Freire: “vamos nos desumanizando [graças a formas de desgoverno], mas sem deixar de denunciar e de insistir no fundamental papel da escola da construção de uma sociedade verdadeiramente democrática” (p. 4). Denunciamos, insistimos, resistimos e (re)existimos. Papel dos intelectuais, filósofas e filósofos, educadoras e educadores, que lutam por um mundo melhor e mais humanizado. Gabriela Mariotto de Almeida Santos (p. 32) dialoga com bell hooks: “Não podemos nos desencorajar facilmente. Não podemos nos desesperar diante dos conflitos. Temos de afirmar nossa solidariedade por meio da crença num espírito de abertura intelectual que celebre a diversidade, acolha a divergência e se regozije com a dedicação coletiva à verdade” (HOOKS, 2017, p. 50).

Luana Castro da Silva nos faz pensar sobre os equívocos que a escola nos ensinou, não sem um propósito bem delineado, configurando-se como uma educação bancária a qual somos expostos a um Brasil, e uma América, invadido/invadida, inventado/inventada, desorientado/desorientada. A obra que temos em mãos é denúncia e reflexão para além das teorias. É convite para pensarmos um projeto de país e de educação que

consiga enfrentar, como Gabriela propõe, uma educação verdadeiramente política no sentido de reconhecermos que somos um país de famintos e de excluídos, e que uma educação verdadeiramente democrática e libertadora deve existir para a superação dessas desigualdades. Assim também Luana nos faz pensar na relação entre essa desigualdade mantida por vontade política e a evasão escolar. A escola, como nos lembra Gabriela, é mais do que uma estrutura física, é espaço de diálogo, de transgressão, de pensamento crítico, de construção de mundo no qual somos sujeitos de nossa história.

Para lembrar Paulo Freire, existir é mais do que viver porque estamos no mundo. É “essa capacidade de ligação comunicativa do existente com o mundo objetivo [...] que incorpora ao existir a criticidade que não há no simples viver”³. E foi assim que me senti ao ler a obra que agora tenho o prazer de apresentar: “Evasão escolar: reflexões éticas desde hooks e Freire”, mergulhada no mundo em busca de existir que é mais do que viver porque as autoras e autores nos colocam em diálogo com o nosso mundo. Desejo que as leitoras e os leitores se sintam, assim como eu, convidadas e convidados à reflexão e ao diálogo não apenas sobre a evasão escolar, mas sobre o mundo no qual vivemos.

³ FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 2019, p.57.

PARA ALÉM DA RAIVA, O AMOR

*Bell Hooks um pouco
de seu legado*



imagem: <https://girlchildlongwalk.org/understanding-patriarchy-intersectional-insights-of-bell-hooks/>

POR HUGO ALLAN MATOS

Este material já estava pronto. No prelo.

Quando propus para este grupo de autoras e autor de fazermos um material didático sobre evasão escolar, como projeto de monitoria da disciplina de ética da licenciatura em filosofia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde fui docente, a ideia foi prontamente aceita com uma condição: a partir de Paulo Freire e bell hooks.

E então, não poderia ser um material academicista, já que queremos que ele seja lido principalmente por professoras e estudantes da educação básica, quase como uma homenagem a quem persiste em atuar pela educação pública. Os textos partiram de nossa experiência, de nossa crítica, de nossas dores, raiva e principalmente de nosso amor. De nossa amorosidade como bem nos ensinam Freire e hooks.

No dia 15 de dezembro de 2021, quando o material já pronto e prestes a sair, recebemos a notícia da passagem de hooks. Nos impactou muito. O silêncio e contemplação significando este momento ímpar de um ano que não poderia terminar pior.

Indo além, buscando ser mais, decidimos acrescentar esta contextualização deste material não como uma homenagem póstuma, mas como em duas páginas podemos tentar chorar e agradecer a inspiração de hooks para nossas vidas.

Em um ano tão difícil, mais ainda para aquelas que são mais vitimadas pelo Estado Moderno Capitalista Patriarcal e Branco, as contribuições de bell hooks para os movimentos progressistas são ímpares, por aspectos diversos, quais tentarei aqui destacar alguns poucos, quais pensamos serem fundamentais nas lutas contra as opressões e vitimizações causadas por este modelo de sociedade atual que emerge alternativas.

A raiva, o ódio, a dialética... como elemento de revolução, ao menos como foram entendidas por grande parte dos movimentos progressistas do século 20, mostraram seus limites nas experiências socialistas. Isso não quer em absoluto significar a negação da luta de classes. hooks e Freire nos ajudam a aprofundar a compreensão de complexidades desta luta. E a ir além.

A interseccionalidade não pode ser pela metade, nos ensinam. Se interpretada em sua complexidade e completude nos levam à solução: amar até nossos opressores-vitimadores. O amor, como instrumento revolucionário quebra às cadeias e correntes que nos amarram a um modelo heroico de vida, no qual a violência é um de seus grandes motores. E toda pretensa mudança que se faz pela violência resulta, geralmente na reafirmação do que se pretende combater, superar. E assim, as lutas pela transformação vão fortalecendo as correntes que nos vitimam.

O fundamental papel de cada pessoa que consegue romper seu individualismo, outra grande ferramenta do capitalismo, e agrupar-se para combater às vitimizações sistêmicas são o grande passo para qualquer verdadeira revolução. A raiva é sim, um dos motores, mas além da raiva, o amor. O amor de querer transformar à realidade vencendo não só aquilo que me vitima, mas o que vitima a todas as pessoas. Inclusive a consciência de que minha libertação é também a libertação daqueles que sustentam às cadeias de opressão.

A ânsia pela conquista, pelo domínio, pela disputa...dão lugar ao desejo de libertação. Desejo este que torna-se verbo, ação, pela prática do amor transformador.

No campo da educação, privilegiado para a prática desta forma de amor comprometido com a história, desde o brincar, fundamental para o desenvolvimento das habilidade psicomotoras, passando pela alfabetização crítica, até a produção de conhecimentos específicos relevantes à vida cultural em nossa sociedade, podem ter este mesmo sentido - o amor- que a tudo significa na relação de construção de conhecimento, ou educação.



Assim, impossibilitando à educação bancária e outros modelos de educação que perpetuam e disseminam novos instrumentos opressores, não só os sistemas educacionais mas toda a cultura pode ter um mesmo sentido: o amor.

Da importância da garantia do amor na infância como início da prática de justiça, a adoção da honestidade como valor intrínseco à vida comunitária, a verdade como valor social...enfim, valores que de alguma forma, em alguns momentos de diversas culturas já foram cultivados, inclusive na nossa, formam base de uma espiritualidade do amor.

Valores opostos aos vigentes, que podem parecer demasiados simplórios, mas que possibilitam o combate radical ao modo de sociedade patriarcal, branco, imperialista e capitalista. Possibilita e clama um deixar ser mais a cada pessoa em sua cultura.

Hooks nos deixa um amoroso legado, qual nos possibilita pedagogias do amor, quais a humanidade ainda está aprendendo.

ÉTICA E (FALTA DE) EDUCAÇÃO

Evasão Escolar



A escola pública para quem? Para o quê?

POR HUGO ALLAN MATOS

Ao considerarmos como educação a relação de construção de conhecimento, que é anterior ao próprio nascimento e se estende por toda a vida, a experiência escolar não parece ser tão significativa. Contudo, numa sociedade de massas na qual “o tempo é dinheiro” e tudo o que parece importar é o dinheiro, a escola ficou com a responsabilidade de ser o espaço da produção de educação por excelência. E em geral, este é o papel que dela é cobrado.

Contudo, ao nos questionarmos sobre o que é esta relação (educação), como (método) e o quê

(conteúdo) ela deve trabalhar, não há consensos. As teorias de currículo que são elaboradas no campo de produção de conhecimento que pensa estas questões, apontam para diversas possibilidades e o sistema educacional brasileiro apenas atualmente passou a preocupar-se com elas, na tentativa de elaborar diretrizes curriculares nacionais (DCNs) e mais atualmente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), cujas preocupações tangem exatamente a questão que mais parece importar: o quê e como ensinar na escola.

Durante mais de uma década profissionais de educação, entidades privadas, terceiro setor... buscam um pacto nacional para um projeto educativo. Mas, dia a dia, o cotidiano da escola pública, sejam as estaduais ou as municipais, só pioram. A pandemia do COVID19 está permitindo que isso venha à tona de forma que antes não viria. Os esquemas de corrupção, quais negociados por estados com empresas privadas e que nunca chegam como benefício no chão da escola, continuam, sem nenhuma fiscalização ou pudor que os denuncie ou condene. As comunidades, pessoas comuns, lutando pela sobrevivência cotidiana, não conseguem em geral acompanhar a educação propiciada às crianças e jovens. Professoras e professores, com salários péssimos, precisam submeter-se à cargas horárias de trabalho sub-humana, em condições de trabalho muito ruins, para terem o mínimo básico garantido para subsistência suas e de suas famílias.



Em geral, as gestões escolares, bem como trabalhadoras da limpeza, cozinheiras, estão a cada dia mais sendo gestadas pelas secretarias de educação em lógica privatista, de subordinação hierarquizada e controle dos corpos, com processos burocratizantes imobilizadores que por mais que queiram fazer algo útil e promover relações educativas saudáveis, isso vai tornando-se impossível. Ou seja, a própria lógica de funcionamento e gestão das escolas impedem qualquer possibilidade de que haja, na realidade de cada unidade escolar, relações saudáveis minimamente humanizadoras. Daí que o cotidiano escolar fica submetido ao espontaneísmo de professoras e professores bem-intencionadas, que desviando-se totalmente de suas funções, desdobram-se em estabelecer relações pedagógicas minimamente saudáveis, humanizadoras e de relevância para as crianças e jovens. A escola está projetada para não funcionar. Para que não seja possível que nela ocorra educação. Mas, o que então, ocorre na escola?

*"O aprendizado,
em sua forma
mais poderosa,
tem de fato um
potencial
libertador"*

BELL HOOKS



Como reflexo da sociedade e caldeirão social, onde as diversas questões sociais, culturais e político-econômicas se encontram, as crianças e jovens trazem à escola todas as frustrações de suas famílias, os anseios, expectativas sociais e as incompreensões e carências de ser criança ou jovem neste mundo que se torna a cada dia mais inóspito, agressivo e incompreensível a quem nele está chegando e tendo que posicionar-se politicamente. Lembrando que em nossa sociedade a escola é o local por excelência onde as crianças e jovens devem preparar-se para sua vida adulta (política, no sentido de relacionar-se com as instituições sociais e com as outras pessoas em termos de igualdade civil). E o que encontram, em geral, na escola pública?

Professoras, professores e trabalhadoras desorientadas, mergulhadas em trabalho, burocracias imobilizadoras, que não sabem se sua subsistência estará garantida, que temem o

presente e futuro de suas famílias...e encontram-se as frustrações das crianças, jovens com as das pessoas que deveriam trabalhá-las, estabelecendo relações de construção de conhecimento saudáveis e humanizadoras, preparando-as para a vida política, social.

É deste caldeirão que querem formar uma sociedade livre, soberana, democrática, quando dizem que a educação é fundamental? Obviamente que não. Aqui temos um conjunto de comportamentos sociais, extremamente contraditórios, quais afirmam algo no discurso, impossível de se cumprir. Se a moral é um conjunto de comportamentos, leis, regras, normas, que são esperados em uma determinada comunidade, o discurso social brasileiro sobre a escola e a educação tornou-se hipócrita. Este termo designa quando dizemos que a realidade deve ser de determinada forma, mas a nossa prática não acompanha este dizer.



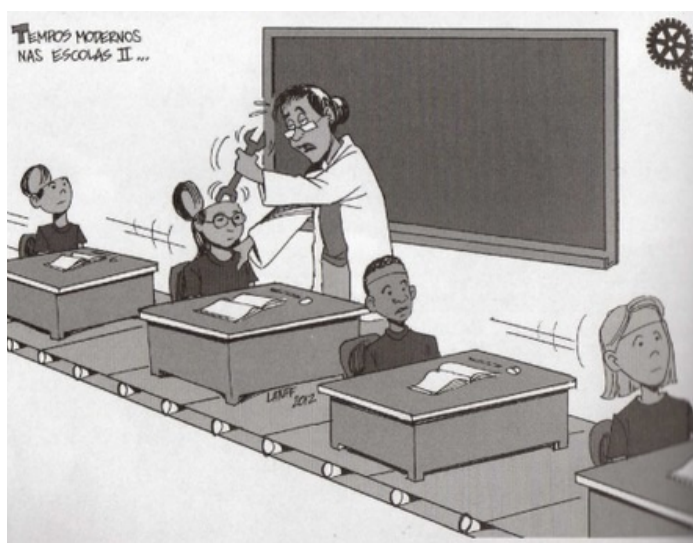
É urgente que possamos, enquanto sociedade, fazer um verdadeiro pacto pela educação pública, gratuita, laica, democrática e de qualidade. Mas este pacto é permeado por uma outra questão, que possa orientar à educação: educar para o quê? Ou seja, é preciso, que tenhamos também, um projeto de país, um pacto sobre o que queremos ser como Brasil, pois toda a educação é educação para algo. A educação é ética por excelência, pois assume o caráter de nas relações de construção de conhecimento, analisar o conjunto de comportamentos e discursos de sua própria comunidade. A isso chamamos educação crítica. E por ser crítica, por possibilitar que cada pessoa pense por si mesma, desde suas próprias relações e vivências, é libertadora.



“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

PAULO FREIRE

E seria uma grande ingenuidade, como nos diz Paulo Freire, pensar que em um país como o nosso, dependente e submisso aos desmandos do capitalismo, houvesse a possibilidade de um sistema educacional libertador. Por isso que Paulo Freire é odiado pelos que mandam. Por isso é tão difícil que haja, na escola, as condições para que ocorram relações de construção de conhecimento. Por isso, vamos nos desumanizando, mas sem deixar de denunciar e de insistir no fundamental papel da escola da construção de uma sociedade verdadeiramente democrática. Que não acontecerá no capitalismo.



Educação bancária: a escola como instrumento de domesticação

POR LUANA CASTRO

Aos 7 anos de idade, em uma aula de história do ensino fundamental, eu aprendi que em 1500 o Pedro Álvares Cabral tinha descoberto o Brasil. Não só isso, eu também aprendi que os “índios” tinham entregado todo o território para os portugueses, incluindo o Ouro que banhava o nosso país, em troca de coisas inúteis como espelhos e outras bugigangas. Se você também aprendeu assim então sabe do que eu estou falando. Acontece, que tudo isso não passa de uma grande distorção da realidade.

Para o historiador Fernando Novais, a narrativa que o Cabral descobriu o Brasil é uma visão eurocêntrica¹: "A viagem de Cabral suscita, pelo menos, dois problemas: O primeiro, muito discutido, é que a tradição e a historiografia deram à sua viagem o nome de “descobrimento do Brasil”, o que envolve um claro eurocentrismo. Se os portugueses descobriram os tupiniquins, tupinambás etc., foram também descobertos pelos índios. Falar em descobrimento do Brasil, como em descobrimento da América, é a visão do vencedor. Isto tem sido muito discutido. Nos anos 50, o historiador mexicano Edmundo O’Gorman escreveu *La invención de América*, um belíssimo texto em que diz que não há descobrimento da América porque ela não existia; havia, sim, um território. A América foi inventada, não descoberta! O Brasil também teria que ser inventado. E certamente não foi Pedro Álvares Cabral quem inventou o Brasil, da mesma forma que a América não foi inventada por Colombo." (NOVAIS, 2020)



Charge de Laerte

Além disso, os indígenas, e não índios, não entregaram nada de mão beijada, na realidade, eles foram submetidos à escravidão, à violência física e cultural, e ainda como afirma o historiador Boris Fausto, os europeus trouxeram algumas doenças que não existiam no nosso território ocasionando em epidemias e nas mortes de milhares de indígenas. Em síntese, os povos nativos já viviam aqui (cerca de 3 milhões na época), então, podemos concluir enfim, que não houve descobrimento nenhum e sim uma invasão de território.

Mas eu não irei culpar somente a minha professora por ter me transmitido essa e mais outras informações deturpadas, ela aprendeu desta forma e provavelmente a professora que a ensinou também foi ensinada assim

O problema aqui é o método de ensino que foi utilizado que consiste em um professor transmitindo diversas informações dadas como verdades indubitáveis, sem debates, sem questionamentos. Informações essas que muitas das vezes são contadas e escritas pelo ponto de vista do opressor, como vimos com o “Descobrimento do Brasil”, por exemplo. A essa maneira de ensinar, o filósofo e pedagogo Paulo Freire denominou como educação bancária.

E o que é isso, a educação bancária? Educação bancária é uma concepção Freireana sobre uma prática de educação, muito comum, na qual o professor atua fazendo “depósitos” nos estudantes, enchendo-os de conteúdos (considerados retalhos da realidade/totalidade), onde os alunos apenas os memorizam e os aceitam passivamente, sem a possibilidade de diálogo e reflexão. Paulo Freire diz, em sua obra Pedagogia do Oprimido, que a tônica da educação bancária é narrar, sempre narrar:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 1994, pág. 37)

Possivelmente, você já deve ter se deparado com uma aula cuja a qual o professor se comunicou através de repetição até os estudantes decorarem o que ele estava verbalizando. Um mais um? Dois. Três mais três? Seis. Quem descobriu o Brasil? Pedro Álvares Cabral. A terra é...? Redonda. No final do dia, quanto mais conteúdos um aluno memorizar, melhor aluno (na concepção bancária de educação) ele será.

Mas afinal, qual o problema desse modelo educacional? Vamos por partes. Paulo Freire acreditava que vivemos numa sociedade opressora, o que lamentavelmente é verdade considerando os fatos que nos circundam. Darei alguns exemplos. Segundo inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar, uma pesquisa desenvolvida pela PENSSAN, 19 milhões de

DESIGUALDADE ESCANCARADA

Brasil tem 19 milhões de famintos e 20 novos bilionários durante a pandemia

Jornada maior que 24 horas e um salário menor que o mínimo, a vida dos ciclistas de aplicativo em SP

Estudo inédito traça o perfil dos entregadores e constata que a presença de menores de 18 anos é comum no ramo

Brasil


Pelo 12º ano consecutivo, Brasil é o país que mais assassina transexuais

Feminicídio - Brasil é o 5º país em morte violentas de mulheres no mundo

Sem abrigos, moradores de rua dividem espaço com ratos nas noites frias de SP

Descaso e abandono: faltam abrigos para moradores de rua nas noites frias de SP

brasileiros no ano de 2020 estavam passando fome e na miséria, enquanto, nesse mesmo período, o número de bilionários aumentou no nosso país. No dia 6 de maio de 2021 aconteceu um massacre no bairro do Jacarezinho no Rio de Janeiro..



25 pessoas foram executadas pela Polícia Civil durante uma operação policial (vale lembrar, que a polícia brasileira é a que mais mata no mundo). Esse dia é reconhecido como Chacina do Jacarezinho.

Outra informação bem séria é a de que o Brasil é um dos países que mais contém casos de feminicídio. A Rede de Observatório de Segurança mostrou que só no ano de 2020, 449 mulheres foram assassinadas. Todas as opressões que abrangem a nossa realidade daria para um livro

Ainda temos as jornadas de trabalhos abusivas e mal remuneradas, violência contra a comunidade LGBT, racismo, milhares e milhares de seres humanos em situação de rua, culturas impostas como certas, genocídio dos povos indígenas e etc.

Agora que já vimos alguns dos problemas humanitários que existem dentro da nossa sociedade é mais fácil perceber o embaraço de uma educação que não estimula o pensamento crítico e não tem como finalidade formar sujeitos transformadores da realidade social e sim ajustá-los e adaptá-los. Um modelo ideal de educação seria aquele proposto pelo próprio Paulo Freire, isto é, uma educação que conscientizasse os estudantes e mostrasse as relações deles com o mundo. O pernambucano, confiava que a transformação social, a libertação humana, a libertação dos oprimidos, se daria através de uma educação libertadora, dialógica e de afeto.

A educação bancária, ao contrário, está em função do opressor e não do oprimido uma vez que, aquele que está no poder, o que oprime, não está interessado em mudar um mundo que lhe convém e justamente por ser domesticadora e alienadora, a concepção bancária da educação está ao seu favor. Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu, o modelo de educação dominante é um instrumento utilizado pela classe dominante da nossa sociedade para legitimar as desigualdades sociais, portanto ela cumpre muito bem a sua função e desta forma, nunca libertará ninguém.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GANDRA, Alana. Pesquisa revela que 19 milhões passaram fome no Brasil no fim de 2020. Agência Brasil, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-04/pesquisa-revela-que-19-milhoes-passaram-fome-no-brasil-no-fim-de-2020> . Acesso em 20 de jul. de 2021.

JUCÁ, Julyanne. Por dia cinco mulheres foram vítimas de feminicídio em 2020, aponta estudo. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/03/04/por-dia-cinco-mulheres-foram-vitimas-de-feminicidio-em-2020-aponta-estudo> . Acesso em 20 de jul. de 2021.

Mortos na chacina do Jacarezinho sobem para 28. Ao menos 13 não eram investigados na operação. EL PAÍS, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-07/maioria-dos-mortos-na-chacina-do-jacarezinho-nao-era-suspeita-em-investigacao-que-motivou-a-acao-policia.html> . Acesso em 20 de jul. de 2021.

NOVAIS, Fernando. A invenção do Brasil. [Entrevista concedida a] José Corrêa Leite e Walnice Nogueira Galvão. Teoria e Debate, local de publicação, n. 44, Abril/Maio/Junho de 2000. Disponível em <https://teoriaedebate.org.br/2000/04/01/a-invencao-do-brasil/>. Acesso em 20 de jul. de 2021.

Mudanças na educação e seu status na sociedade contemporânea

POR GABRIELA MARIOTTO

Ao longo dos séculos a educação passou por transformações significativas, com muitas turbulências, tristemente devemos reconhecer que muitas vezes foi e é utilizada como objeto de controle em massa e projetada em defesa de determinados interesses. Não se é mais utilizado castigos físicos em alunos, pelo menos assim esperamos, e é bem raro ver escolas que separam meninas de meninos, e o ensino não é mais convencional e conservador. Mas não podemos esquecer, como analisado pela filósofa Viviane Mosé, seja em livros ou em entrevistas, que quando falamos em educação no Brasil, sobre ensino eficaz, é algo muito recente, principalmente em relação a democratizá-lo.

Essa análise sobre se pensar a educação no Brasil ser recente, pode parecer estranho para algumas pessoas, que devem se perguntar, mas não ouvimos falar em projeto educacional desde o período que se inicia com o processo desprezível de colonização? Pois é, mas quando dizemos nesse ponto da conversa sobre educação, estamos incluindo os conceitos de inclusão, qualidade, acessibilidade, estrutura e outros aspectos que são necessários em um processo de ensino e aprendizagem mútuo. E quando nos referimos à aprendizagem, é mais que ao espaço físico escolar, estamos incluindo os aspectos da vida ética que abrange o cultural e social.

"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção."

PAULO FREIRE



Foto: Getty Images

Todos esses processos contam com um número alarmante de analfabetos ao longo dos tempos, como a filósofa nos apresenta, direcionando a conversa para os anos de 1950, 1960 mais da metade da população não sabia ler e nem escrever. Nesse mesmo período tínhamos movimentos/grupos sociais, pedagogos e uma grande parte de considerados intelectuais que buscavam formas eficazes de democratizar projetos educacionais de forma a combater a taxa de analfabetismo monstruosa que formava raízes pelo Brasil.

Porém, essas ideias e projetos não foram vistos com bons olhos pelos militares que tinham como intenção, projeto e determinação a propagação da desinformação e revisão do plano educacional político e ideológico, no qual com uma rápida pesquisa no google vemos o reflexo disso com a altíssima taxa de evasão escolar.



Foto: Ditadura Militar/Arquivo

Dando seguimento a visão para o contexto da educação pública durante o golpe militar, que durou de 1964-1985, pois, foram 21 anos de ensino controlado, sofrendo interferência direta do Estado opressor, genocida e autoritário que tratava não só os professores, mas falando em educação, os tratava como se fossem meros robôs a seu comando, isto é, os que se permitiam ficar quietos diante do que ocorria, aos outros que batiam de frente eram torturados ou sobrava a opção viver fugindo e temos também os que foram expulsos do país.

Matérias como filosofia, sociologia e literatura foram cortadas do currículo e professores de história viviam em corda bamba. Acredito que seja um bom momento para nos perguntarmos, porque será? O que seria de um modelo governamental opressor que direcionasse sujeitos sem pensamento crítico, sem se indagar sobre os fatos e as coisas ao seu redor e sem saber nossa própria história, não é mesmo?!

PARA SABER MAIS:

Tua (Re)Volta (2019)

Esse documentário é uma produção nacional. Interessante para alunos que queiram saber um pouco mais sobre o movimento estudantil, principalmente por ser visto de uma perspectiva de outros alunos, e também, a partir dele é possível compreender as principais pautas trabalhadas pelos estudantes do ensino público.

Um exemplo que não podemos deixar de citar para nos ajudar a pensar sobre essas questões é o que aconteceu com o nosso legítimo patrono da educação brasileira. Paulo Freire pensou e projetou uma pedagogia inclusiva, efetiva e reconhecida mundialmente de alfabetização, seja para ser aplicado na área rural como nas grandes cidades, que motiva o pensamento crítico e a consciência do papel dos sujeitos socialmente, e esse projeto foi cancelado no período do golpe militar. Freire foi exilado principalmente pela sua proposta pedagógica e pelo projeto de angicos que era um projeto cultural popular.

Agora pensando uma educação no contexto pós ditadura militar, mas que infelizmente ainda vemos resquícios de sua herança, com a nova

constituição que se deu em 1988, conhecida como cidadã, foi proposto um novo modelo pedagógico, a partir da lei de diretrizes e bases (LDB), na qual foi pensada democraticamente com a participação da associação de educadores e movimentos sociais, e como dito pelo filósofo e professor Dermeval Saviani na introdução de seu texto. O vigésimo ano da LDB: As 39 leis que a modificaram (2016):

“Tratava-se de uma proposta que procurou fixar as linhas mestras de uma ordenação da educação nacional, orgânica e coerente” (SAVIANI, 2016, p. 380). Mas o que para muitos vinha a ser como uma nova esperança, apesar de significativas mudanças que ocorreram, mais uma vez a educação sofreu um golpe, como é melhor descrito pelo professor:

Na tramitação, o projeto passou por diversas vicissitudes. E, uma vez aprovado na Câmara e também na Comissão de Educação do Senado, foi objeto de uma manobra, que mudou inteiramente seu rumo, tendo sido substituído por um projeto induzido pelo Ministério da Educação do governo FHC, assinado por Darcy Ribeiro. E este foi o projeto que resultou na LDB, promulgada em 20 de dezembro de 1996, a qual se distanciou das aspirações da comunidade educacional (SAVIANI, 2016, p.381).

E esse é o modelo educacional que vigora até então, mesmo ao longo dos tempos sofrendo algumas emendas constitucionais. Como a filósofa Viviane Mosé analisa muito bem no seu livro *A escola e os desafios contemporâneos* (2013) sobre o modelo escolar que vem se moldando através dos tempos, ela diz:

"Com tudo isso, a escola acabou tornando-se um espaço explicitamente afastado das questões que movem a vida das pessoas e ainda mais distante dos desafios da sociedade. Os jovens e as crianças, afastados das questões humanas e sociais, das questões políticas, vão sendo treinados a ver o mundo apenas a partir de si mesmos, de sua condição, que pode ser e “vencedor” ou de “perdedor”, de arrogância

ou de revolta. Mas raramente são estimulados a ler o mundo, a pensar nessa sociedade, com sua complexidade, com os seus jogos e suas contradições, e quase nunca são convidados a ser atores nessa sociedade. O que faz com que ou se alienem de tudo e busquem a qualquer preço um lugar na lógica estabelecida pelo mercado ou se revoltam contra essa lógica e destruam aquilo que não sentem ter coragem ou capacidade para transformar" (MOSÉ, 2013, p.50-51).

Essa análise é importante para pensarmos e refletirmos sobre um debate recente que vem nos assombrando, sobre escola sem opinião política, um estudo neutro, corresponde a pauta de uma ideia de escola sem partido.

Como é bem retratado pela filósofa, e assim partindo do que já foi visto, será que não seria só mais um processo que utiliza de um mecanismo para controlar e continuar produzindo meros robôs que sejam úteis ao sistema desigual que tem como intenção que não sejamos seres críticos? É possível uma educação que não seja política?

Viviane Mosé fez trabalhos em diversas escolas públicas pelo Brasil e já entrevistou diversos educadores, temos acesso a algumas delas em seu livro, uma que chama a atenção para os assuntos aqui vistos, como sobre o pensamento crítico e educação em conjunto, no caso, a entrevistada é Madalena Freire, filha do educador Paulo Freire. Para pensarmos e filosofar finalizo com uma questão específica, segue abaixo:

-“VM: Precisamos ser alfabetizados a vida inteira?”

-“MF: Sim, o processo de alfabetização é leitura do mundo, é leitura de si, leitura dos outros, leitura da realidade. E como estar vivo é ler, reler, continuar lendo, desconstruindo as palavras e os sentidos e construindo novos, somos permanentes alfabetizando e alfabetizadores, nesse sentido. Não sabemos tudo, e aquele que se julga “não, já sei de tudo”, cutuque porque morreu! Virou múmia. Porque sintoma de vida é pergunta, é problema, é perdição, é caos criador” (2013,p.245).



Proposta de dinâmica:

Elaborar um roteiro, ou tópicos para discutir com os alunos o que significa para eles o conceito de política. Segue algumas possíveis indagações que podem ser feitas a fim de levar os alunos a se questionarem e trocar ideias:

- Conversar com os alunos o que eles pensam sobre política;
- Se ao ouvir o conceito "política" se já consideram como algo ruim ou bom;
- Os alunos acreditam que a política é algo presente em nossas vidas, se sim, como é praticada e se são a favor do seu debate;
- Eles acreditam que o debate sobre política deve ocorrer como uma prática democrática.

A ideia é direcionar o debate de forma que todos os alunos participem e mantenham o debate como algo construtivo, com intervenções dinâmicas acerca do assunto, como conversar sobre os direitos humanos e ver o que eles pensam sobre, se de fato o que está no papel é respeitado ou se deveria ser, demonstração de trecho de filmes/séries, e assim, mesclando os assuntos a fim de concretizar esse diálogo tão importante em conjunto com o professor.

A escola, o professor, o aluno e seu valor

POR ANCELMO DE JESUS SILVA JUNIOR

Se o professor é aquele a qual, é capaz de ensinar¹ tudo que sabe e tudo que sabe é, em 2021, incapaz de ser medido, assim o conhecimento parece ser infinito e se dá diversas formas, para Paulo Freire a construção do conhecimento se dá no próprio ser, cada sujeito que faz parte querendo ou não está atuando e construindo o próprio saber. Logo, cada um atua na sua própria construção de saber. É preciso ressaltar, que o papel do professor não é transferir conhecimento, ensinar é criar e trabalhar com as possibilidades do conhecer. Sendo assim, qualquer um pode ser professor? aparentemente sim, todas as relações que temos é uma relação de construção do nosso ser e do nosso conhecer, sendo assim, estamos

aprendendo e ensinando nesse caminhar em conjunto. Parece equívoco, uma corrida de conhecimento, apesar de ser possível comparar um tipo de conhecimento sobre uma coisa específica, é impossível comparar os conhecimentos diversos sobre uma mesma coisa. Assim como é impossível saber tudo sobre uma coisa só, torna-se necessário saber o que lhe é possível conhecer, pensaria Kant.

Essa primeira reflexão não tem um caráter epistemológico em sua total profundidade, esse é um dos fatores que nos possibilita refletir e indagar sobre nosso papel na educação, no ensinar e no educar. Sem essa primeira reflexão, as pessoas parecem estar em uma corrida, uma aposta e uma infinita competição de conhecimento, e isto torna-se mais visível

nas escolas preparatórias do Enem. Um ambiente de preparo para passar em vestibulares, o que pode sim ser considerado um tipo de conhecimento, mas parece falso que seja o caminho certo para se conhecer as coisas. Por exemplo, um aluno de escola pública pode estar mais moído, sofrido e mais preparado para as adversidades que aquele que segue métodos propostos durante toda sua vida acadêmica, Darwin já tinha notado a capacidade de adaptação dos animais. Talvez alguém iluminado que por mero acaso esbarra-se em uma pequena história do cão do psicólogo Pavlov pergunta-se se não está sendo adestrado por algo ou alguém, onde o seu prêmio é um cargo, um status ou a falsa aprovação dos pais e da sociedade. Mas, e o conhecimento científico? é notável que as metodologias científicas ao longo da história trouxeram grandes avanços instrumentais para a sociedade. Novas ótimas possibilidades surgiram, o chuveiro elétrico, a tv, o celular, a internet e por assim vai. O conhecimento científico, trouxe também armas com capacidade de dizimar milhares de pessoas, a bomba atômica, novas possibilidades de tortura psicológicas e físicas, de controle e autoritarismo.



*"A educação
faz sentido
porque as
mulheres e
homens
aprendem que
através da
aprendizagem
podem fazerem-
se e refazerem-
se, porque
mulheres e
homens são
capazes de
assumirem a
responsabilidade
e sobre si
mesmos como
seres capazes
de conhecerem"*

PAULO FREIRE

No fim, tudo serviu para o mesmo ser humano, que continua se afastando de si, conhecendo a depressão e a ansiedade, um pulo maior que as pernas com um tombo digno do próprio salto.

Considere então, o papel do ensino, o que se pode ensinar num mundo tão alarmante com avanços tão rápidos, com notícias, guerras, tecnologias e histórias sendo passadas em tão curtos períodos de tempo em consideração da absorção de um ser humano comum. O que queres ser ou aprender nesse caos? Essa é a máxima da atualidade, a máxima mentira que sofre um brasileiro. Em meio ao caos, seguimos o fluxo, e o fluxo atual é o fluxo do capital, busquemos dinheiro e tudo que não é dinheiro torna-se descartável, olhemos os números e não possamos conhecer as unidades e as individualidades. Façamos amigos ingleses e esqueçamos do compatriota do bairro ao lado. Se esse mundo de tecnologia e avanços científicos com todas suas propriedades boas e ruins é a utopia que querem viver, eu gostaria de descer, porém não posso, o sistema não permite e a escola capitalista o exclui, o descarta e o marginaliza como vagabundo, pobre, inútil e descartável. Essa é a tal da violência simbólica, um tipo de violência que está além do físico, está em imagens, olhares ao redor de cada um que se vê distante do sistema.

Diante disso, todo e qualquer um busca uma racionalidade e um sentido em meio ao caos, e aqui revelo o meu ser momentâneo, se todos podemos ensinar e aprender que defendamos a educação seja ela qual for, o pensamento é incapaz de morrer, a curiosidade é incapaz de cessar, a dúvida nunca vai nos deixar, a única coisa que não podemos aceitar, diria Paulo Freire é a fatalidade, é a aceitação da realidade, nós fazemos e construímos as possibilidades do conhecer, do viver e acima de tudo somos autônomos que não deixemos ninguém tirar nossa autonomia, que aceitemos a infinidade do conhecer, a infinidade do ser, as alteridades, as possibilidades, as diversidades, as novas construções de saber e as novas alterações e que não aceitemos o verdadeiro e o falso sem duvidar ou questionar, que deixemos correr aquele que tem

sede por saber, que deixemos caminhar aquele que não tem pressa para viver que lutemos contra a imposição daqueles que tenta nos dominar que aprendamos a não domar as coisas e sim respeitar o mundo e as pessoas. No fim cabe a mim e você acessar a ética, compreender e transmitir sua essência, como cabe a mim não me censurar e lutar pela ética que li, pelas histórias que ouvi, pelos diálogos que vivi.

Se a competição do mercado e da irracionalidade que beira o absurdo vai nos sufocar, se aqueles que ditam ou tentam quantificar o valor de uma criptomoeda em valores absurdos que só existem nos ares da especulação financeira, que joguemos o jogo sem nos entregar, que nós trabalhadores, professores e alunos digamos o valor do humano, que não tem preço. se nos colocarem um preço de aula, que aumentemos como fazem os poderosos com suas especulações mirabolantes que beiram o absurdo, que o trabalhador prove o seu valor e que nesse jogo não sejamos perdedores nem ganhadores, que sejamos a própria vida do pensamento imortal, das ideias que estão nos livros e além dele, da realidade que o brasileiro enfrenta todos os dias.

Se neste escrito, tiver um pensamento, uma ideia, uma identidade e um saber, a tese se provará por si só, e se aqueles que descartam a mim, sei que encontrará o outro.

Indicações:

- Rubem Alves - A Escola Ideal - o papel do professor

<https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU>

- E Another Brick in the Wall - Legendado PTBR Show de Truman A ilha das flores-

<https://www.youtube.com/watch?v=mP-ZAgsMAk>

- Darcy Ribeiro e Rubem Alvez (Dabate sobre Utopia)

<https://www.youtube.com/watch?v=nNzvIQmsaN4>

- RAPadura Norte e Nordeste

https://www.youtube.com/watch?v=n_ZXeg6gD_o

- Detonautas - Quem é você?

<https://www.youtube.com/watch?v=z2z9JP6qcoQ>

- Belchior - Apenas um rapaz latino americano

<https://www.youtube.com/watch?v=2HlpJaatYH4>

¹ A palavra ensinar é alvo de controvérsia por retomar a ideia de disciplina corporal e de transferência de conhecimento. Porém o uso do termo no meu texto pode ser compreendido como uma ressignificação do entendimento formal em busca de um entendimento coloquial que é utilizado no dia a dia, o termo ensino pode ser restabelecido como a forma que se utiliza, que se compreende e como é passado no dia a dia se não for retomar um conceito de conhecimento transferível e disciplina corporal, mas como ideia da qual Paulo Freire também trata o educar.

O fator socioeconômico e a evasão escolar no Brasil

POR LUANA CASTRO



O que não faltam são motivos para explicar a exclusão escolar de milhões de crianças e adolescentes no Brasil, o que por si só já escancara o quanto o nosso país é desigual. Contudo, o nosso texto irá focar somente no fator socioeconômico a fim de explicar como a classe social pode ser determinante para um aluno decidir e/ou ser obrigado a abandonar os estudos. Além disso, falaremos também do porquê a evasão escolar é considerada um problema ético.

Pode-se pensar que a razão de muitos jovens estarem fora da escola é por causa da falta de interesse ou simplesmente por pura preguiça. Ledo engano. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2019, 90,1% das crianças e adolescentes fora da escola estão inseridos em famílias cuja renda per capita é menor do que um salário mínimo, enquanto só 0,6% desses jovens vivem em famílias com renda per capita de mais de três salários mínimos. Esses números são ainda piores se a gente levar em consideração o aumento da exclusão escolar durante a pandemia, onde as pessoas mais pobres são as que mais sofrem com a falta de acesso à educação.

Mas o que a renda familiar tem a ver com o problema da evasão escolar? Tudo a ver. Precisar trabalhar para ajudar a complementar a

*A educação é
um ato de
amor.*

PAULO FREIRE

Ou seja, as nossas crianças e adolescentes estão inseridos em um sistema econômico (sistema neoliberal capitalista), onde não são amparados e não têm acesso a recursos básicos e imprescindíveis como moradia e alimentação, sendo obrigados portanto, a abdicarem do seu direito universal à educação.

Um dos efeitos colaterais da evasão escolar é que essa situação quase sempre cria um ciclo vicioso na vida dos alunos evadidos. Vejamos, se as melhores oportunidades de trabalho (com maiores salários) são destinadas às pessoas que têm o ensino médio completo, ensino superior, etc., e as maioria das pessoas que têm acesso ao ensino médio e ao ensino superior são as que têm uma maior renda familiar per capita, então dificilmente os jovens mais vulneráveis da nossa sociedade irão conseguir ascender socialmente e consequentemente, melhorar a condição de vida.

Mas não é só no quesito econômico que um jovem evadido sofre prejuízo. Diferente da lógica

do nosso sistema, o objetivo da educação não é somente formar futuros funcionários qualificados para trabalharem nas grandes empresas e passarem a vida servindo aos capitalistas. A educação deve ter um caráter transformador e libertador na vida de um sujeito. Com isso, quero dizer que a educação não é meramente um acúmulo de informações que os professores transferem para os alunos e eles anotam e decoram para tirar boas notas.

A educação, segundo grandes pensadores como Bell Hooks, John Dewey e Paulo Freire, deve estimular um aluno a ter um olhar crítico para o mundo em sua volta, a educação deve encorajar um aluno a ser um sujeito participativo na sociedade e não um mero espectador que aceita e se adapta às coisas como elas são. Daí a necessidade de assegurar o direito à educação para todos os jovens a fim de garantir que todos os seres humanos tenham a oportunidade de emancipação e se convertam em agentes transformadores da realidade dura que a gente vive.

Portanto, o fator socioeconômico como uma das causas da evasão escolar pode sim ser considerado como um problema ético porque fere a nossa própria Constituição Federal, a qual informa que a educação é um direito de todos e dever do Estado. Mas para além de um conjunto de normas jurídicas, é um problema ético porque é desumanizante o fato de que apenas um grupo de pessoas na nossa sociedade tenha a possibilidade de se manter na escola enquanto tantos outros estudantes precisam renunciar o seu direito básico devido a uma necessidade de sobrevivência. Uma vida vale mais do que a outra? Se o Estado estiver realmente interessado em combater a evasão escolar, então ele precisará criar as possibilidades de ir na raiz do problema, destruir as causas que fazem os alunos abandonarem os estudos. Mais importante do que recuperar um aluno evadido é garantir que ele tenha a possibilidade de nunca abandonar a escola. Desta forma, poderemos assegurar que todos os cidadãos sejam tratados com igualdade e que se tornem sujeitos livres, de valores e que assim, cumpram seu papel significativo socialmente.

Referências

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

UNICEF. Cenário da Exclusão Escolar no Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil> . Acesso em 20 de jul. de 2021.



Gravidez na adolescência

POR ANA CAROLINA SALES

A gravidez precoce também é um dos maiores motivos para o abandono dos estudos e consequentemente a evasão escolar.

A desinformação das alunas pelos contextos sociais em que estão inseridas conjuntamente com o desprezo das instituições de ensino marcam cada vez mais a evasão escolar entre as adolescentes, sobretudo das classes inferiores. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2016, constatou que 35% das 610 mil mulheres entrevistadas entre 15 e 17 são mães que abandonaram seus estudos ou estão fora das escolas.

Para as mulheres o período da gravidez é marcado pela transformação radical de seus corpos, além da mudança social que também transcorre dentro dos ambientes que elas frequentam. Ao se tratar de gravidez na adolescência, temos que levar em conta que tanto o físico como o emocional dessas meninas não estão preparados para a responsabilidade de gerar um filho.

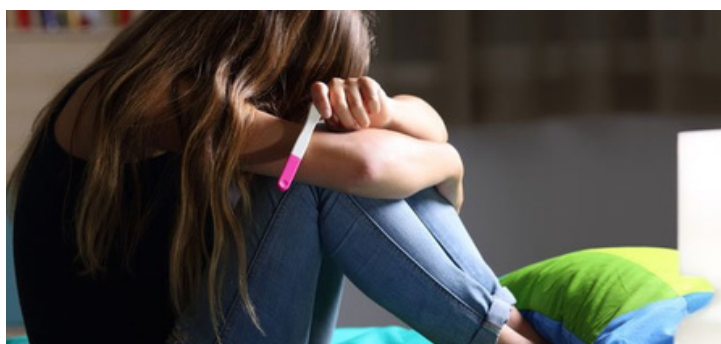


Foto: SBP/Divulgação

No ambiente escolar, a antiga adolescente que era considerada como uma aluna comum, agora é reconhecida como a “aluna grávida” marcada na medida em que sua barriga cresce. Além de carregar o peso e a responsabilidade de gerar uma nova vida em seu corpo, essas adolescentes também carregam a atribuição da culpa pela gravidez precoce, tanto pela família como pela sociedade, refletindo dentro das escolas; na maioria das vezes elas não têm a divisão de responsabilidade com seus parceiros ou o apoio da família para continuar seus estudos, mas o problema vai além disso, pois se a maior parte das adolescentes que engravidam estão inseridas nas classes inferiores, temos uma estruturação que também é marcada pela pobreza, portanto, essas novas mães precisam ingressar no mercado de trabalho, dificultando ainda mais sua permanência na escola.

"Minha casa era o lugar onde eu era obrigada a me conformar à noção de outra pessoa acerca de quem e o que eu deveria ser. A escola era o lugar onde eu podia esquecer essa noção e me reinventar através de ideias"

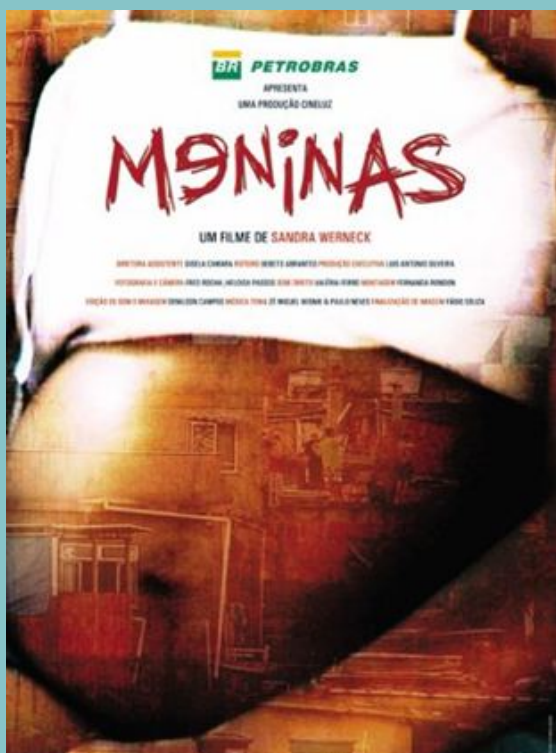
BELL HOOKS

Qual o papel da escola diante disso? A escola tem o dever de englobar todas as dimensões para a permanência de seus alunos, primeiro tratar da prevenção já com os alunos do fundamental, pois o diálogo nessa idade contribui para o combate a desinformação que mais tarde pode acarretar numa gravidez precoce trazendo riscos à vida das meninas. Também é necessário que a gestão escolar tenha projetos adequados para a formação das crianças e dos jovens tratando dos principais temas como a sexualidade, a importância do uso da camisinha principalmente pelos meninos, o conhecimento dos métodos contraceptivos seguros para a saúde da mulher e, sobretudo, as consequências da romantização da maternidade feita pela mídia na vida das adolescentes dentro de um sistema patriarcal, que atribui toda a responsabilidade do filho à mulher.

Ao receber as alunas já gestantes, a escola deve garantir um melhor tratamento para elas, tanto físico no apoio à saúde, nas idas ao banheiro ou no enjoo que é comum durante os primeiros meses da gravidez, como emocional no suporte dentro e fora da sala de aula, preparando os docentes para acolher a aluna e orientar os colegas de turma para evitar a exclusão da mesma, além do incentivo para a continuação dos estudos e a flexibilização do conteúdo depois do nascimento do bebê, acompanhando assim o desenvolvimento escolar dessas alunas após sua licença maternidade. Cabe ressaltar que a escola deve transpassar seus muros e se aproximar mais da comunidade que está envolvida, promovendo um diálogo amplo com os pais, tanto para levar informação, como para se aproximar da realidade dos alunos.



Indicação de documentário



Ficha Técnica

Título: Meninas

Ano: 2005

Duração: 71 minutos

Produção e Direção: Sandra Werneck

Diretora Assistente: Gisela Câmara

Roteiro: Bebeto Abrantes

Produção Executiva: Luis Antonio Silveira

Meninas é um documentário que conta o processo de quatro adolescentes grávidas: Joice de 15 anos, Luana de 13 anos, Edilene de 14 anos e por fim, Evelin de 13 anos. Ao mostrar as implicações e desafios de uma gravidez precoce, também retrata o contexto social que vivem, marcado pela violência nas favelas do Rio de Janeiro, além da falta de acesso à cultura, moradia digna e emprego, que juntamente com a gravidez precoce retira a perspectiva de futuro dessas garotas.

A escola e sua fuga

POR ANCELMO DE JESUS SILVA JUNIOR

Uma parte considerável de professores e teóricos podem estar estudando as discussões da educação brasileira na atualidade em suas mais profundas raízes, porém o aluno compreende o fato de estar sendo educado? saberia ele então o que é a educação e qual sua utilidade? Se considerar o eu, um ex-estudante de escola pública e estadual, onde obtive experiências e sensações consideráveis e semelhantes ao que remetia uma estadia na prisão, na qual as aulas pareciam não ter fim em um ambiente fechado, um cárcere. E mesmo assim, existiram momentos de liberdade do pensar, do fazer e participar, seja ao quebrar ou burlar as regras, seja por minha parte ou de boa parte dos colegas e inclusive professores, diretores e coordenadores.

Essa conversa não se trata de uma construção acadêmica ou um material sem valor do humano, se trata da vida e suas experiências. Se trata do aluno e sua liberdade, do professor e sua paixão e da instituição de ensino pública e suas necessidades, inconformidades e contradições.

Com essa prosa, a ideia central aqui é refletir: se a escola for mesmo uma prisão é dever e direito de qualquer aluno de buscar suas respostas, sendo elas: Por que estou aqui? por que tenho que ficar aqui? Isso vai me ajudar? A vida é estudar para trabalhar, assim como competir com meus colegas?

Não é segredo de estado ou de qualquer pessoa que o número de presos no Brasil é alarmante¹. E a escola muitas vezes reforça esse paradigma, da seguinte forma, estude e trabalhe ou seja pobre e miserável, onde a última saída é a prisão, a prisão aqui é o cerceamento da liberdade e desconsideração da opção de conhecer e estudar por prazer e por opção, como algo inevitável onde aprendemos sempre, mas por fim a relação de aprendizado se torna conturbada nesta atual relação de escola, aluno e professor. A educação é direito de todo e qualquer cidadão², sendo assim, por que a evasão escolar prevalece no ensino público? Se os alunos estão fugindo da escola, pode significar que a escola não é libertação, convívio e

e aprendizagem, ela é também uma forma de cativeiro. E qualquer pessoa e ser vivo que está em um cativeiro pensa em fugir. Paulo Freire, que além de educador é um prestigiado pensador brasileiro, se preocupou com a ética daquele que ensina, daquele que aprende e daqueles que reproduzem seus valores, tornando-se necessário assim, visar uma ação prática³ do aluno e do professor além de discutir essa relação com sinceridade. O Professor, portanto, não é uma figura hierárquica, um dono da sabedoria prática⁴ e teórica ou alguém que detém algum tipo de poder sobre os demais alunos. Ele é alguém que se dedicou à relação educativa que não se faz sozinha⁵. Quem é o aluno e quem é o professor, como essa relação se estabelece? pode ela ser uma relação de conflito? falta de respeito ou consideração de ambos os lados? Antes de estabelecer qualquer relação de contato com o desconhecido deve ser necessária uma sinceridade, um porquê, uma busca clara desse encontro.

Quais são os motivos que movem os alunos até a sala de aula, os motivos de angústias, de felicidade e tristeza. Estes, são os mesmos motivos que um professor pode ter tido, ou mesmo, ainda pode ter. Compartilhar a dor, também é compartilhar a alegria, já que relações pressupõem tolerância de ambos os lados, de compreensão e compaixão com o próximo. O conflito muitas vezes é inevitável, mas se trata de aprender com as situações e lidar com elas.

Pensem no caso do Sócrates, um dos mais importantes filósofos gregos, que viveu a cerca de 2.000 mil anos atrás, como possuiu uma relação de diálogo, de entendimento e consideração com os demais, como ele propõe dialogar acerca do mundo, da polis,⁶ dos valores e reflexões das quais nunca ousou afirmar muita coisa.⁷ O seu saber era proposto para aqueles que quisessem.⁸ O seu modo de agir e de ser coerente com as coisas que dizia era das mais exemplares em toda a história.⁹ Como poderia ele então estabelecer relações de poder sobre aqueles sob sua tutela, sem que antes entrassem de acordo com a experiência de dialogar?¹⁰

O que tornou a escola pública o ambiente que é hoje, em 2021? Com câmeras,¹¹ desconfiança e falta de consideração com os mais pobres? quem está desrespeitando as relações e tratando tudo como a mais pura utopia, que usa o mais cruel disfarce de todas, a utopia do neoliberalismo. em 2018 com a eleição de um dos representantes desse pensamento individualista, neoliberal, antipático e além ser um incoerente governo, o presidente Bolsonaro defendeu o ensino a distância no ano de 2018.¹² A discussão da escola a distância se abriu e óbvio que, um ensino a distância da população brasileira é uma tremenda falta de consideração e conhecimento acerca da vivência cotidiana do Brasileiro. Transformar a escola em uma prisão e oferecer uma alternativa evidentemente falsa como solução, só pode resultar em uma coisa, uma maior taxa de evasão e um descaso com aqueles que perdem o seu direito à educação. No atual momento de pandemia em 2021, por necessidade o ensino a distância se torna concreto, o resultado é uma alta taxa de evasão escolar.¹³

Sócrates ensinava nas praças conhecidas como Ágoras, e possuía um contato direto com as pessoas que frequentavam os espaços públicos e discutia problemas evidentes a todos que estavam por ali interessados.

Quais seriam os interesses, motivação e problemáticas para alguém dentro do isolamento de sua casa? É sempre preciso o contato, o confronto e a absorção daquilo que é diferente, respeitar e discordar. Para Paulo Freire só não é permitido a mentira, enganar os demais para benefício próprio, aqui está sua ética. O ensino a distância é um mal e é uma mentira, primeiro porque o mundo não é composto de uma casa, ou caverna, a par dos problemas cotidianos, da vivência brasileira. O brasileiro enfrenta seus problemas em muitas vezes na prisão escolar, na balbúrdia, na hipocrisia do sistema público, das políticas e é ali que aprende a lidar ou conviver com este fardo de uma sociedade com 500 anos, sua história de colonização, sua geografia, suas belezas naturais, as diferentes músicas, a escravidão e etc.



As crises e as dificuldades são as marcas que o ensino público, o descaso dos políticos, das mentiras neoliberais e das elites deixam em todos. E essa é a principal motivação da mudança e de uma nova construção de si mesmo, da busca de um novo modelo de ser. Platão, o aprendiz de Sócrates, refletiu sobre essas questões e concluiu que a mudança visível não era suficiente para se chegar a um bem, era necessário compreender aquilo que não se altera. Aquilo que não se altera em todas as pessoas é sua essência. Portanto a mudança necessária é a busca daquilo que já está presente, nossa individualidade, nossa alteridade a consideração por mim é a consideração para o outro, essa é a ética que se deve buscar na relação aluno e professor. A partir do momento que nos tornemos coerentes, exemplares, deixaremos a marca na educação, na vida e no cotidiano de cada pequeno brasileiro que nasce e se forma.

O professor é um trabalhador, produz uma cultura, ele cultiva o pensamento, instiga a dúvida. Logo, nunca se deve estabelecer uma relação de cárcere, uma prisão da mente e do pensamento. Isto só simboliza uma coisa, estar fadado a uma prisão e aqueles que se encontram em uma prisão, a sua resposta é a fuga.

Portanto a escrita, a atuação profissional, a relação com o aluno é um diálogo, é um compreender e um compartilhar experiências, buscar sua essência e não se afastar dela. A nossa busca se dá em confronto e em relação com o outro,¹⁴ enquanto em sociedade, sempre é necessário lidar, conversar e entender aquele com quem compartilho a humanidade. Não sou um robô, um animal qualquer e nem um humano que transcende,¹⁵ sou você, vivendo minha própria vida, compartilhando experiências, adquirindo sensações de tristeza, alegria e angústia. Buscando compreender, e a compreensão não se estabelece sozinha e muito menos em uma caverna.¹⁶ A realidade está aqui, para todos os brasileiros e aqueles que habitam o mesmo planeta. Não façamos da nossa casa uma prisão, nossa escola uma prisão e nem nosso planeta uma prisão, se não estaremos sempre em fuga, fuga de nossa própria condição de sermos humanos e da nossa relação com os demais.



- ¹ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-02/brasil-tem-mais-de-773-mil-encarcerados-maioria-no-regime-fechado>.
- ² <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/22842-acesso-a-educacao-ainda-e-desigual>.
- ³ Ação prática é agir como prática primeira do pensamento, posteriormente vem a reflexão da ação e a necessidade de mudá-la para se adequar a ética do indivíduo. Contrapondo-se ao pensar sem agir de acordo, ou só pensar e não agir.
- ⁴ Sabedoria prática vem daquele que viveu o bastante para ter um conhecimento das consequências de determinadas ações.
- ⁵ Até os estudiosos e eruditos se encontram em diálogo com textos, consequentemente com outras pessoas.
- ⁶ Estruturas de organização política do mundo grego, ou período da Grécia antiga.
- ⁷ Famoso pelo pensamento de “só sei que nada sei”.
- ⁸ Utilizava do espaço comum dos gregos para propagar suas reflexões, se contrapondo eticamente àqueles que cobravam por seus discursos e lições, como é o caso do grupo conhecido como Sofistas.
- ⁹ Tomou cicuta e morreu, pois foi acusado de difamar os deuses e corromper a juventude, condizente com sua ética, aceitou encarar o falso juízo de valor sobre suas intenções pedagógicas enquanto um professor preocupado com a educação e acabou pagando pela ignorância alheia.
- ¹⁰ Contrapondo a estrutura escolar que se aparenta como impositiva onde o direito é mais um dever que um direito, ou seja, a escola aparece falsamente como uma obrigação dos alunos frequentarem.
- ¹¹ <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/05/escolas-estaduais-de-sp-passarao-ser-monitoradas-por-cameras.htm>
- ¹² <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-defende-educacao-distancia-desde-ensino-fundamental-22957843>
- ¹³ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/04/escolas-fechadas-explodem-abandono-e-derrubam-aprendizado-em-sp.shtml>
- ¹⁴ O conceito filosófico do outro está inserido na filosofia da alteridade proposta por Emmanuel Lévinas (1906-1955). Sendo uma forma de contrapor uma ética eurocêntrica e egocêntrica baseada no eu, eu penso, eu sou e como isso implica na desumanização do outro sempre aparecendo como inimigo ou não pertencente ao eu como algo externo.

¹⁵

O filósofo Friedrich Nietzsche provoca reflexões e críticas com sua famosa proclamação de que somos uma corda esticada no abismo entre o animal e o além do homem. Considerando que possuímos uma razão que nos torna únicos na natureza enquanto animais, porém não nos tornamos superiores a eles, ou com valores que são capazes de transcender alguém em algum tipo de ser escolhido.

¹⁶

Crítica no texto “república” escrita por Platão sobre aqueles que permanecem em um estado de ignorância na caverna e fazem dela sua verdade, enquanto o mundo real e verdadeiro está fora dela, e aquele que tenta levar os demais para esse mundo acaba sendo agredido por conta da ignorância de seus co-habitantes da caverna.

Referências



Escola muito mais que uma estrutura física

POR GABRIELA MARIOTTO

Infelizmente quando tratamos do assunto evasão escolar não temos como não relacionar diretamente o debate com a escola pública. Um problema social muito recorrente no Brasil, principalmente quando se trata da fase do ensino médio.

Na escola pública, principalmente as que se localizam em regiões mais pobres, os alunos largam os estudos por ter que trabalhar, falta de transporte, desinteresse, dentre outros, mas esse desinteresse que tanto se fala, podemos culpar as crianças e os adolescentes?

Não podemos negar que o ensino público brasileiro é defasado, devido a casos de desvio de dinheiro público, e praticamente por não ter investimentos, professores são tratados como se não fossem importantes para a construção de indivíduos e consequentemente do Brasil.

E não podemos deixar de fora o fato das crianças que passam pelos anos letivos sem saberem ler e escrever direito.

O modelo tradicional aplicado nas escolas, segue um modelo pedagógico, que tem como base a exposição dos conteúdos de forma oral para os alunos, e o professor é colocado em uma posição de autoridade máxima. Assim, a educação carrega também um peso em termos de disciplina, que não é algo muito atrativo aos alunos, todos nós que já fomos alunos não podemos desmentir esse fato. Pois, somos controlados a todo momento, se falamos é porque falamos muito, se ficamos quietos é porque devemos falar mais, sem contar a dificuldade que é ficarmos parados prestando atenção em algo por tanto tempo, pior quando somos mais jovens.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

PAULO FREIRE

Professores quando em atividade tendem a reproduzir e refletir nos alunos o que esperam deles seja em relação aos conteúdos apresentados, a forma como devem desenvolver, em alguns momentos alguns alunos que não vão bem em determinadas matérias sofrem uma determinada violência, tidos como menos capazes. Ou como podemos perceber, até mesmo, em relação aos processos culturais, alunos que gostam de músicas dos ritmos como funk, rap, geralmente são tratados diferente muitas vezes, ou é esperado menos deles em relação aos outros alunos, como se gostos culturais geralmente vindos das periferias fossem algo dissesse sobre a perspectiva em relação àquele aluno.

Mas os professores têm culpa desse modelo opressor? Muitas pessoas devem ter essa dúvida, ou se adiantam e afirmam a resposta. Quando direcionamos nosso olhar para analisar a estrutura institucional do que compreendemos como escola, podemos perceber que o modelo tradicional educacional que é produzido e reproduzido ao longo dos

séculos é um problema. Uma estrutura que deveria ser um ambiente acolhedor, produtor de saberes, um lugar que motive e instigue jovens ao conhecimento e a compartilhar vivências, produz uma sensação de individualidade, competição e exclusão. Tanto os professores como os alunos estão sujeitos a esse modelo e suas regras, a escola pública só passa a ser mais uma instituição que sofre com as relações de poder que são vistas como reflexo do sistema desigual no qual vivemos.

Diante desse cenário que estamos expostos diariamente, seja como professores ou como alunos, devemos refletir como esses conflitos rotineiros atrapalham no desenvolvimento e na permanência dos alunos na escola, principalmente no âmbito escolar público. Aspectos que também não podemos deixar de citar e que são muito vistos no ensino público são alunos que precisam largar os estudos para trabalhar, alunos que vão com fome, falta de materiais adequados, produtos de higiene e etc. Não podemos negar o debate político e a necessidade do pensamento em comunidade para que seja possível começar a mudar esses aspectos negativos.

Para dar continuidade a esse debate, não podemos deixar de citar Paulo Reglus Neves Freire 6, ou como todo mundo o chama Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro, no qual vamos abordar aspectos da sua obra *Educação como prática de liberdade* (2020) e devemos nos atentar ao diálogo direto da discussão com a professora e ativista social Gloria Jean Watkins 7, mais conhecida pelo pseudônimo Bell Hooks, com a obra *Ensinando a transgredir, A educação como prática de liberdade* (2017). Essas obras são muito importantes para abrir nossos olhos em relação ao contexto atual educacional e pontos importantes que devem ser mudados, seja de hábitos como nos comportamentos. Vejamos como foi pensado o modelo pelo educador:

Desde logo, afastáramos qualquer hipótese de uma alfabetização puramente mecânica. Desde logo pensávamos a alfabetização do homem brasileiro, em posição de tomada de consciência, na emersão que fizera no processo de nossa realidade. Num trabalho com que tentássemos a promoção da ingenuidade em criticidade, ao mesmo tempo em que alfabetizássemos. (FREIRE, 2020, p.136)

Paulo Freire nos mostra a importância da emancipação dos indivíduos pela educação, isto é, a valorização da nossa capacidade enquanto seres de uma sociedade, a importância de termos consciência de quem somos e a importância desse papel para o processo que venha a se desenvolver na caminhada histórica na qual passa a sociedade. Podemos notar sua vontade de mudança em seus escritos e como é inevitável não ser instigado, como podemos ver:

Por uma nova sociedade que, sendo sujeito de si mesma, tivesse no homem e no povo sujeitos de sua história. Opção por uma sociedade parcialmente independente ou opção por uma sociedade que se “descolonizasse” cada vez mais. Que cada vez mais cortasse as correntes que a faziam e fazem permanecer como objeto de outras, que lhe são sujeitos. (FREIRE, 2020, p. 51)

O professor aponta como esse processo educacional, como prática de liberdade, é necessário para que possamos acabar com as desigualdades sociais, apontando a educação como um primeiro passo, para que tenhamos consciência, principalmente do que acontece ao nosso redor e conosco nesse sistema injusto e desigual, para que possamos prosseguir de acordo com a inclusão social. Como foi dito pelo próprio:

O homem existe - existe - no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se (FREIRE, 2020, p. 57)

Basta uma pedagogia que nos ajude a acompanhar as mudanças, e ela está presente! Quando é citado que há uma conversa direta com o que Bell Hooks propõe, é a forma como a professora nos apresenta um tipo de educação muito importante nesse ambiente histórico social no qual estamos inseridos, e principalmente quando nos desperta a repensar a educação na “era do multiculturalismo”.

Muito importante destacar nesse momento da conversa o que a professora nos diz no capítulo “Abraçar a mudança”:

No primeiro encontro, Chandra (pedagoga por formação) e eu falamos sobre os fatores que haviam influenciado nossas práticas pedagógicas. Sublinhei o impacto da obra de Freire sobre o meu pensamento. Uma vez que minha formação básica tinha se realizado em escolas segregadas por raça, falei sobre a experiência de aprender quando as nossas próprias experiências são consideradas centrais e significativas, e sobre como isso mudou com a dessegregação, quando as crianças negras foram obrigadas a frequentar escolas onde eram vistas como objetos e não sujeitos. (HOOKS, 2017, p. 53)

Sabemos que a escola é muito mais que um espaço físico, na verdade deveria ser. Devemos nos sentir seguros e nos sentirmos como sujeitos, sujeitos de nossa própria história. Como é devidamente lúcido e claro demonstrado por ela, a importância dos professores que ensinam mas também devem estar abertos a aprender, em relação de troca com os alunos devam contribuir para que eles “transgridam”. E para que isso seja possível:

A aceitação da descentralização global do Ocidente, a adoção do multiculturalismo obrigam os educadores a centrar sua atenção na questão da voz. Quem fala? Quem ouve? E por quê? Cuidar para que todos os alunos cumpram sua responsabilidade de contribuir para o aprendizado na sala de aula não é uma abordagem comum no sistema que Freire chamou de “educação bancária”, onde os alunos são encarados como meros consumidores passíveis”. (HOOKS, 2017, p. 57)

A demonstração da educação como um modelo libertador é muito importante, pensada em conjunto, para que a escola seja vista como mais que quatro paredes, uma prisão, uma obrigação, ou um local onde só alguns se sintam à vontade para falar. A compreensão do que venha ser esse processo, é uma prática executável e que possibilita tolerância para tratar de assuntos urgentes e do cotidiano desses jovens, como questões raciais, sexuais e a problemática da desigualdade. A escrita da professora Bell Hooks também é motivadora e instigante, nada melhor que finalizar com suas palavras:



CEFORTEPE / Luiz Carlos Cappellano/Reprodução

Não podemos nos desencorajar facilmente. Não podemos nos desesperar diante dos conflitos. Temos de afirmar nossa solidariedade por meio da crença num espírito de abertura intelectual que celebre a diversidade, acolha a divergência e se regozije com a dedicação coletiva à verdade. (HOOKS, 2017, p. 50)

- No MST, muitos utilizam o modelo educacional freireano nas escolas do campo. Eles contam um pouco do legado do pedagogo: <https://mst.org.br/2020/09/19/conheca-o-legado-da-educacao-popular-brasileira-de-paulo-freire/>
- Para quem quiser saber um pouco mais sobre a professora Bell Hooks: <https://elefanteeditora.com.br/quem-e-bell-hooks/>
- Matéria sobre a utilização do método como integração de refugiados: <https://www.dw.com/pt-br/m%C3%A9todo-paulo-freire-%C3%A9-utilizado-para-integra%C3%A7%C3%A3o-de-refugiados-na-alemanha/a-48484879>
- Matéria sobre como o método é visto em específico nos Estados Unidos: <https://educacao.uol.com.br/noticias/bbc/2019/01/12/paulo-freire-como-e-visto-no-exterior-o-legado-do-educador-brasileiro.htm>

Referências

- FREIRE, P, R, N. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz & Terra; 49ª edição, 2019.
- MOSÉ, V. A escola e os desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 5ª edição, 2013.
- WATKINS, G. J. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2ª edição, 2017.

Proposta de dinâmica

Sentar com os alunos em círculo, ouvi-los a partir da indagação: Como podemos pensar em uma educação pública, inclusiva e que permita com que os alunos se sintam bem na escola?

Após o debate desenvolver uma gincana em conjunto, fazendo uma troca professor e aluno de igual para igual, como uma atividade artística livre, alguns podem desenhar, outros dançar, alguns escreverem, o que acharem melhor, talvez algum jogo esportivo ou que seja uma troca de informações sobre os diversos gostos musicais, algo referente a temática “Não existe saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”.

Para saber mais

O método pedagógico desenvolvido por Paulo Freire é utilizado em diversos lugares do mundo, e apesar de não ser visto com o mérito que merece pelo governo brasileiro atual, no qual vemos a propagação de notícias falsas como mecanismo de controle de informações, por outro lado, por exemplo, seu método está sendo utilizado na Alemanha para a integração de refugiados e é visto por uma ótima perspectiva por professores no Estados Unidos, como por exemplo, pelo professor de filosofia da educação da Universidade da Califórnia, Ronald David Glass, que vê como: “Um método que valoriza a consciência crítica, transformadora e diferencial, que emerge da educação como uma prática de liberdade”. Segue o link para acompanhar as matérias completas [8](#).

Autorias



Luana Castro, 22 anos. Licencianda em Filosofia pela faculdade PUC-Campinas. Participante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Integrante do Coletivo Negro Ruth de Souza e Coletivo de Bolsistas da PUCCAMP.

E-mail para contato: castroluasilva@gmail.com

Ana Carolina Ferreira Sales. Graduanda em Filosofia pela PUC-Campinas. Pesquisadora em Ciências da Religião no nível de iniciação científica. É Educadora Popular e membra do Coletivo de Bolsistas Maria Augusta Thomaz. Militante do Movimento de Mulheres Olga Benário e da Unidade Popular pelo Socialismo (UP).

E-mail para contato: anacarolinasalles598@gmail.com



Hugo Allan Matos. Filósofo, professor de filosofia. Doutorando em Filosofia (UFABC), Mestre em Educação (UMESP), Pós-graduado em Filosofia e História Contemporâneas, Licenciado em Filosofia e Pedagogia. Atua na Associação de Filosofia e Libertação (AFYL-Brasil), na Analética: Instituto de Educação e Cultura, no Coletivo Revolucionário de Libertação (CORDEL) e no Edupovo - Educação Popular. E-mail para contato: hugo.allan@gmail.com

Gabriela Mariotto de Almeida Santos. Graduanda em Filosofia pela Pontifícia Universidade de Campinas (PUCCAMP). Pesquisadora em nível de Iniciação Científica, vinculada ao Grupo de Pesquisa “Ética, Política e Religião: questões de fundamentação”.

E-mail para contato: gabi_mariotto@hotmail.com



Ancelmo de Jesus Silva. Aprender a lidar com conceitos é o meio de transmitir a vida como a gente conhece.

ISBN: : 978-65-88994-74-0



EDITORA

phillos.
ACADEMY

